

CARNAVAIS DE CASAMENTO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO URBANO EM YAOUNDÉ¹

YVES BERTRAND DJOUDA FEUDJIO
Université de Yaoundé I
feudjioyb@yahoo.fr

INTRODUÇÃO

As cidades africanas estão hoje em plena mutação. Nelas se observa um conjunto de dinâmicas sociais que nos fazem tomar um distanciamento em relação às análises clássicas que apresentam as cidades africanas como espaços de violência ou de conflito, em que a pobreza circundante torna praticamente impossível a vida normal. Uma abordagem microssociológica mostra que é possível também “aprender com a cidade africana”. O que se pode ver hoje é, na realidade, uma África urbana onde se constroem novos modos de vida, dinâmicas imprevistas e anunciadoras de rupturas políticas, sociais e econômicas. Nos Camarões, quer estejamos em Yaoundé quer em Douala, não há fim de semana sem que se observem carnavais de casamento nas ruas principais. Esses carnavais, que reúnem muito frequentemente centenas de pessoas ou dezenas de automóveis, atraem, em sua passagem, todos os olhares, arrancam, ao mesmo tempo, aplausos, gritos de admiração e de gozação. Eles ocupam, sem autorização administrativa, as vias urbanas, impõem aos outros cidadãos uma circulação difícil, enfim, eles marcam uma verdadeira apropriação do espaço público urbano.

Essas cerimônias festivas exigem hoje uma análise aprofundada por parte dos socioantropólogos. Isso se justifica ainda mais porque elas se revestem de uma dimensão sociocultural original. Interessar-se por essas festas matrimoniais é também interessar-se pela cultura e pelas dinâmicas sociais ou urbanas, é dizer que essas atividades festivas não devem mais ser vistas somente sob o

¹ Traduzido do francês por Igor Catalão. Revisão da tradução: Paul Claval.

ângulo do regozijo ou da simples animação mas, sobretudo, sob o ângulo da criatividade social, dos jogos e dos desafios, das interações entre as diferentes categorias de atores em cena. No contexto urbano, elas evidenciam, especificamente, as representações e a mentalidade dos atores, suas práticas ou seus valores culturais.

Ao se interessar pelos carnavais de casamento hoje observados nas cidades camaronesas (Yaoundé e Douala precisamente), essa análise enfatiza suas funções sociais, seu lugar ou sua importância nas dinâmicas urbanas e, sobretudo, seu efeito perverso sobre a apropriação do espaço público urbano.

A presente análise é fruto de um trabalho de campo feito na cidade de Yaoundé durante dois anos. A coleta dos dados de campo foi feita quotidianamente a partir de observações diretas e discursos formais e informais. Trata-se de uma análise essencialmente qualitativa. O trabalho inscreve-se globalmente no campo das abordagens microssociológicas, que apresentam a vantagem de colocar o foco da atenção nos menus feitos da vida quotidiana. Elas levam o fútil e o banal a sério e analisam os fenômenos numa escala reduzida. É uma abordagem muito prometedora na leitura do quotidiano das cidades africanas. Ao lado das análises macrossociológicas, ela apresenta a vantagem de tratar o que é habitualmente considerado como secundário, ordinário, banal, anódino, trivial e mobilizador de uma atenção científica periférica (MAFFESOLI, 1979; DE CERTEAU, 1980). Os carnavais de casamento apresentam-se, à primeira vista, como um fenômeno banal, trivial ou anódino mas, do ponto de vista da análise microssociológica, eles revestem-se de um sentido ou de uma potência que merecem ser decifrados.

OS CARNAVAIS DE CASAMENTO: ALGUNS GRANDES TRAÇOS

Nesta parte da análise, descrevem-se e apresentam-se os carnavais de casamento em algumas de suas múltiplas facetas. Insiste-se, por exemplo, na dimensão do vestuário e no espetáculo que oferecem, nas despesas que implicam, nos desvios que contêm e na apropriação do espaço público à qual conduzem.

Criação dos modelos de vestimenta e espetáculo no carnaval

Uma observação atenta dos carnavais de casamento em Yaoundé faz compreender que, para os atores sociais (noivos, amigos, redes relacionais), se trata de um evento importante. Os atores gastam muitos meses para prepará-lo a

fim de dar-lhe uma cor toda especial. Uma atenção essencial é dada à vestimenta. Os noivos são geralmente vestidos com trajes muito estilizados, que fazem pensar na existência, ou a traduzem (quando não são importados), de grandes estilistas na capital camaronesa. Por meio da qualidade dos hábitos, lê-se a capacidade de modistas em encontrar as melhores fórmulas ou formas de apresentação para esses eventos extraordinários. Vestidos de noite, vestidos de coquetel ou simples roupas casuais são sempre vestimentas bem cortadas e corretamente ajustadas; a qualidade do tecido importa também, mas é talvez a beleza e a harmonia dos acessórios (calçados, gravatas, bolsa e chapéu) que marcam certamente a elegância. Para as mulheres, as bijuterias (cordões, brincos, braceletes diversos) constituem também um tipo de apetrecho importante; elas acompanham obrigatoriamente um traje elegante.

Os participantes observam uma marcha muito ritmada do domicílio privado dos noivos rumo à prefeitura, aonde vão para a assinatura do registro civil. Essa fase é marcada por uma grande solenidade. É também com uma cadência bem ritmada que o cortejo se orienta, então, para a igreja para a bênção religiosa do casal recém-casado.

Os grupos carnavalescos dão um verdadeiro espetáculo. Tudo é utilizado para produzir no público o efeito que se busca. Enquanto algumas famílias preferem reproduzir figurinos de carnaval mais tradicionais (trajes geralmente de tecidos tradicionais, mais simples e muito sofisticados), outras buscam um verdadeiro espetáculo de grande ambição. Para esses atores, a saída deve ser exitosa, acontecer sem incidentes e despertar a consideração do grande público. Essas manifestações se inscrevem numa lógica de elegância que se lê através de trajes de festa ou de noite luxuosos. De maneira geral, observa-se um esforço para realizar tudo o que contribua para o sucesso do evento.

Um negócio de grandes despesas financeiras

A observação desses carnavais de casamento incita fortemente o pesquisador a interrogar-se sobre seu custo financeiro. As despesas que um carnaval gera são, de fato, muito elevadas. É necessário pertencer a uma classe social privilegiada para oferecer-se esse luxo. A classe social é identificada, em particular, pela qualidade e número de veículos que se encontram geralmente no cortejo. Trata-se, frequentemente, de veículos de grandes marcas (Mercedes, Prado, Humer...) que testemunham uma profunda ruptura com a pobreza.

Ao lado desses veículos, os participantes ou os membros da rede relacional dos noivos distinguem-se também pela qualidade e pelo preço de suas vestimentas. Globalmente, esses carnavais de casamento suscitam simultaneamente, nas ruas da capital, frustração e zombaria.

Transgressões e apropriação anárquica do espaço público

Os carnavais de casamento, na cidade de Yaoundé, caracterizam-se também por múltiplos comportamentos que escapam às regras normais. Esses momentos de alegria e festa em domicílio são marcados por verdadeiras transgressões das normas sociais: o álcool é, muito frequentemente, consumido ao excesso, mergulhando numerosos jovens, sobretudo, num estado de embriaguês indescritível. A música ou o barulho criados pela festa nem sempre levam em consideração a liberdade ou o repouso do vizinho imediato. Quando este último se queixa, é comumente respondido com injúrias suscetíveis de incitá-lo à violência. Durante as cerimônias de casamento, a coesão social é, com frequência, esquecida na medida em que certas categorias de população se liberam em variados tipos de desvio e comportamentos transgressivos.

Na cidade de Yaoundé, numerosas festas de casamento tomam abusivamente o espaço público. Observa-se, assim, uma apropriação anárquica dos espaços coletivos. Do domicílio à prefeitura ou à igreja, os atores tomam posse da rua ou do espaço público dentro de uma lógica anárquica. Os atores aproveitam-se disso para exibir seus numerosos veículos e ocupar, de maneira desordenada, as vias urbanas. Com muita frequência, essas manifestações são acompanhadas de música ou de gritos de alegria que não levam em conta o respeito à ordem pública. Nos bairros, o espaço privado (o pátio da concessão) nem sempre pode receber o conjunto dos convidados: a rua que leva à concessão é, então, invadida com a instalação abusiva de tendas e cadeias nesse espaço comum ou público.

Em um contexto de especulação fundiária, em que o espaço privado está, muito frequentemente, saturado, a circulação automotiva é desviada, mesmo interrompida, durante várias horas, sobretudo quando os noivos ou suas famílias são personalidades influentes. Isso é feito sem levar muito em conta a opinião dos vizinhos que devem suportar os barulhos, a algazarra, a obstrução e os sons da festa. Uma verdadeira porosidade entre o espaço privado e o espaço público aparece, dessa forma, nas cidades camaronesas.

Para ir mais longe na compreensão dos carnavais de casamento, é importante levar em conta as representações ou percepções sociais construídas por vários cidadãos de Yaoundé. Estas são marcadas, simultaneamente, por gozações e pela admiração pelos carnavais de casamento.

OS CARNAVAIS DE CASAMENTO VISTOS PELO IMAGINÁRIO SOCIAL URBANO: “TOMARA QUE ISSO DURE”

Durante os carnavais organizados na hora do desfile pela cidade (isto após a prefeitura ou a igreja), enquanto os noivos e suas famílias anunciam em alto tom sua alegria, seu apoio ao seu filho único, é frequente ouvir espectadores ou transeuntes gritarem “tomara que isso dure”. Essa expressão é muito significativa e traduz a percepção que têm uns e outros sobre essas cerimônias suntuosas em um contexto de pobreza generalizada.

Em um ambiente urbano onde numerosos jovens (carentes de meios financeiros) são compelidos a formas de união socialmente pouco valorizadas (união livre, lar monoparental), os que conseguiram organizar um casamento no espaço público aparecem como privilegiados invejados, mas que atraem também os olhares com frequência depreciativos. As gozações que lhes são dirigidas e que, manifestamente, não tiram nada do entusiasmo e da alegria dos jovens casados fazem pensar, entretanto, nas múltiplas formas de violência verbal que são manifestação da delinquência urbana muito presente nas cidades camaronesas.

“Eles estão casados, continuem falando”

Durante o desfile e para responder às zombarias e aos escárnios dos quais são objeto durante esses carnavais, os membros da rede relacional dos noivos contentam-se em dizer: “eles estão casados, continuem falando; vamos lá, falem!”. Essas expressões tanto são significativas quanto marcam a vontade dos atores envolvidos de afirmarem a legitimidade social, jurídica, religiosa e tradicional de seu casamento em um ambiente no qual, em função da carência de meios financeiros, muitos são incapazes de organizar um casamento socialmente correto.

“Eles estão por cima”

Ao lado dos escárnios lançados por alguns, muitos cidadãos manifestam mais admiração pelos jovens casados. Esta se resume na expressão: “eles estão

por cima”. Nos Camarões, dizer que alguém está “por cima” significa globalmente que ele tem meios (sobretudo financeiros) e que ocupa uma posição social privilegiada. No contexto das cerimônias festivas ligadas ao casamento, dizer que os noivos estão “por cima” inscreve-se numa lógica plural. Os interessados tiveram, em primeiro lugar, a “chance” de casar-se legitimamente. Em segundo lugar, eles tiveram os meios financeiros de organizar as cerimônias festivas exigindo a mobilização de numerosos recursos (relacionais, materiais...). Assim, seu modo de celebrar o casamento sai do ordinário.

Essa fórmula que situa os noivos “por cima” se refere ainda mais à mulher que ao homem. De maneira geral, a opinião estima que, num contexto de pobreza reinante, tornou-se difícil para as jovens mulheres encontrar um marido rico, “sério”, “responsável”, isto é, capaz de conformar-se com as normas do casamento tais como as socialmente desejadas ou aceitas. Aquelas que encontram essa categoria de homem tornada “rara” se apresentam como verdadeiras privilegiadas. A exteriorização do casamento no espaço público pode, então, traduzir a vontade delas de marcar sua posse e fazer a opinião compreender que esse homem é, doravante, como se ouve com bastante frequência, “um terreno demarcado e titulado” e não deve mais ser desejado por qualquer outra mulher. Isso ganha, além do mais, ainda mais amplitude quando o referido homem aceitou assinar um regime monogâmico.

O casamento inter-racial: um caso específico

Em Yaoundé, um casamento que une uma mulher de raça negra e um homem de raça branca é objeto de uma consideração social muito particular. É cada vez mais frequente encontrar jovens camaronesas que, graças à Internet ou a outros canais, conseguem encontrar como esposo um europeu ou um americano. Quando este chega aos Camarões para as cerimônias matrimoniais, as festividades atingem geralmente seu auge. De fato, casar-se com um “homem branco” é ainda o sonho de numerosas jovens camaronesas. No imaginário social, o “homem branco” simboliza a conquista em vários níveis. Para uma jovem camaronesa, casar-se com este homem é romper com a precariedade quotidiana, é desvincular-se da miséria reinante do país, é também migrar para o Ocidente. De fato, é um casamento que carrega, para a jovem noiva e sua família, numerosas promessas simultaneamente sociais e econômicas. Essas cerimônias matrimoniais de outra natureza suscitam ainda mais admiração.

Quando os carnavais são organizados (do domicílio familiar à prefeitura ou à igreja), eles são marcados por tanto mais aplausos quanto gritos, barulhos, alegria... Na rua ou no espaço público, os noivos e suas redes relacionais ditam praticamente a lei no jogo da circulação e de suas prioridades.

OS CARNAVAIS DE CASAMENTO: FATOR DE COESÃO SOCIAL OU DE EXCLUSÃO?

A leitura das cerimônias festivas organizadas ao redor dos casamentos na cidade de Yaoundé deixa várias lições. Esses acontecimentos favorecem, primeiro, uma certa coesão social. Por meio da lógica do casamento, duas famílias (a do noivo e a da noiva) selam oficialmente uma aliança. Nessa ocasião, as cerimônias festivas apresentam-se como verdadeiros momentos de partilha, interações e trocas. A coesão social aqui é construída em vários níveis. (i) O primeiro é aquele das cerimônias tradicionais em que duas famílias pedem aos noivos que permaneçam sempre unidos e evitem qualquer conflito e divórcio. (ii) Essa etapa tradicional é seguida do casamento civil no qual o prefeito insiste ainda na harmonia social e na necessidade dos recém-casados de tornarem-se um modelo de boa conduta para a sociedade. (iii) Enfim, através de fórmulas ainda mais exigentes, o padre coloca os esposos em situação de agir conforme a ética religiosa. Ele exorta-os, assim, a temer a Deus e evitar toda forma de desvio social (conflito, divórcio).

De maneira geral, essas diferentes cerimônias festivas ligadas ao casamento constituem um fator de coesão social, pois estabelecem momentos de iniciação a certas regras da sociedade. Num contexto urbano marcado pelo desemprego dos jovens e pela pobreza circundante, as festas e os carnavais de casamento enviam mensagens fortes e significativas. Acontecem regularmente todos os fins de semana, “relembrando” – aos jovens solteiros principalmente – que o casamento permanece como uma exigência social, um fato social. Nem todos os futuros casados dispõem de meios suficientes para organizar as grandiosas festividades, mas os carnavais de uns e outros dos quais participam constituem, sem dúvida, um ruído suscetível de despertar suas consciências.

CONCLUSÃO: O LUGAR DOS CARNAVAIS DE CASAMENTO NA INVENTIVIDADE DA CIDADE CAMARONESA

Hoje, pode-se também ler a invenção da cidade camaronesa ou africana nos espaços comuns que são a rua ou o espaço público. Estes espaços analisa-

dos há várias décadas como lugares de produção da violência, do conflito e da insalubridade, na realidade, são igualmente espaços sociais de convergência, de cristalização de valores diversos, de atividades, de trocas, de circulação de bens e de sociabilidade. Eles são intensamente vividos. A rua (KAUFMAN, 2009) das cidades africanas aparece hoje como um lugar material e imaterial, um lugar trivial em que se brinca e se constrói uma das facetas mais importantes da cidade africana. As vias urbanas, em Yaoundé, constituem um lugar variável de construção das dinâmicas urbanas. Ela tornou-se um espaço onde se podem ler e viver as mutações sociais, políticas e culturais das cidades africanas (ELA, 1998). Fazendo-se uma leitura das múltiplas facetas dos carnavais de casamento, compreende-se que eles são também verdadeiros suportes da sociabilidade e da construção da identidade urbana africana. Esses carnavais representam um formidável momento para viver e observar, porque são animados por cantos religiosos ou da moda, por gritos de alegria e de vida. Para as famílias mais organizadas, o cortejo dos veículos expressa uma sábia mistura de espontaneidade e organização; é um receptáculo de forças criadoras.

Os carnavais, que desposam a lógica da festa, dão uma coloração significativa à vida urbana durante o fim de semana. Longe das tarefas árduas da semana de trabalho, eles dão um verdadeiro lugar à descontração. Essa vida animada do fim de semana permite a numerosas famílias esquecerem, mesmo que pelo tempo do fim de semana, a tristeza e a pobreza imperantes. As decorações e cores aplicadas nos veículos alegam o ambiente; a música invade a cidade; os que acompanham os noivos cantam, dançam e soltam gritos de alegria. É um verdadeiro tempo do barulho, do excesso e dos comportamentos transgressivos. Essas agitações conduzem a momentos de exaltação.

As cerimônias urbanas do casamento deixam também transparecer um sentimento identitário por parte de seus atores. Elas evidenciam identidades e atitudes às vezes específicas a certos grupos étnicos dos Camarões. Certos valores socioculturais ligados ao casamento são uma realização em espetáculo e contribuem, assim, à invenção (AGIER, 1999; CHALAS, 2000; PIERMAY, 2002) quotidiana da cidade de Yaoundé.

Recebido em: 02/03/2011

Aceito em: 19/04/2011

RÉFÉRENCES/REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. *L'invention de la ville: banlieues, townships, invasions et favelas*. Amsterdam: Archives contemporaines, 1999.

CHALAS, Yves. *L'invention de la ville*. Paris: Anthropos, 2000.

CHENAL, Jérôme; PEDRAZZINI, Yves; CISSE, Guéldio; KAUFMAN, Vincent (Éd.). *Quelques rues d'Afrique: observation et gestion de l'espace public à Abidjan, Dakar et Nouakchott*. Lausanne: LaSUR, 2009.

DE CERTEAU, Michel. *L'invention du quotidien: les arts de faire*. Paris: Gallimard, 1980. V. 1.

ELA, Jean-Marc. *Innovations sociales et renaissance de l'Afrique noire: les défis du «monde d'en bas»*. Paris: L'Harmattan, 1998.

MAFFESOLI, Michel. *La Conquête du présent: pour une sociologie de la vie quotidienne*. Paris: PUF, 1979.

PIERMAY, Jean-Luc. L'invention de la ville en Afrique sub-saharienne. In: BART, François; BONVALLOT, Jacques; POURTIER, Roland (Éd.). *Regards sur l'Afrique*. Paris: Hachette/Union Géographique International/Comité National Français de Géographie/IRD, 2002. P. 59-65. *Historiens & Géographes*, n. 379.